

Bom dia! Agradeço o convite e a possibilidade de nos juntarmos nesta partilha. Aqui no Brasil é de manhã, para vocês já é de tarde.

É muito bom que não nos deixemos parar por estes tempos tão difíceis que vivemos, pelos tempos pandémicos, sem deixar de os tomar em consideração; partindo deles, olhando para eles com sobriedade e coerência mas ao mesmo tempo procurando neles caminhos de saída da situação tão dramática que vivemos hoje, que a Amazónia vive hoje, que o lugar que é o mundo hoje vive. Que possamos juntos, então, nesta roda de reflexão, partir disso.

Eu queria partir um pouquinho, antes de falar da exortação *Querida Amazónia*, da encíclica *Laudato Si'*. A encíclica *Laudato Si'* foi lançada há 5 anos em 2015 no período da COP (*Conference of the Parties*), quando nos preparávamos para a COP21 (21ª Conferência das Partes da Convenção-Quadro das Nações Unidas para as Alterações Climáticas). É sem dúvida nenhuma hoje a base, eu acho, do que ela mesma procurou ser - de uma grande revolução cultural. É a base de uma transformação profunda exigida por todos nós, pelo tempo que vivemos que é um tempo absolutamente inédito. Nós, como humanidade, construímos no planeta Terra uma situação limite para as possibilidades de vida de todos os outros seres, inclusive para nós mesmos. E compreender como é que chegámos aqui e compreender, a partir disso, que caminhos podemos conseguir em alternativa é absolutamente essencial.

Agora, durante a pandemia, durante o covid, enquanto muitos de nós estamos em casa a tentarmos manter protegidos, a floresta amazónica vive uma ameaça ainda maior. Vocês sabem que a desflorestação aumentou na Amazónia durante o covid, a desflorestação aumentou, o número de indígenas afetados é imenso e os riscos de que comecem queimadas é também enorme? E isso não é incoerente nem é separado do que está a acontecer no conjunto do planeta... Ainda hoje vi a notícia de que vários americanos fizeram lucro com a pandemia. Nós estamos a viver um tempo de uma enorme tempestade mas - e o Papa disse uma coisa, e eu ousou pedir licença à sua Santidade para discordar, de que "estamos todos no mesmo barco" - não estamos no mesmo barco, estamos na mesma tempestade mas estamos em barcos muito diferentes. Há quem esteja a atravessar esta tempestade num barco transatlântico, outros que estão num barquinho, outros que nem barco de papel têm para ficar. Então, esta radical desigualdade que a pandemia promove e revela é fundamental termos como ponto de partida para a nossa reflexão e para o nosso compromisso.

Na encíclica *Laudato Si'*, o Papa fala do entrecruzamento que não se separa - que é o clamor da terra e o clamor dos pobres. A pandemia não é um acidente de percurso, não é uma casualidade, é o resultado cumulativo de escolhas sistemáticas que nós temos feito, que na encíclica *Laudato Si'* o Papa Francisco tenta identificar com muita clareza. É um resultado cumulativo e é por isso que a pandemia revela, ao mesmo tempo em que sela, um conjunto de contradições. E por isso é que é possível que muitos agora estejam a perder os seus empregos enquanto outros continuam a acumular ainda mais riqueza. Essa contradição intrínseca ao nosso sistema é agora revelada uma vez mais. Por isso o Papa Francisco pede «Vejam, existem vencedores e vencidos. Os homens não estão em pé de igualdade. Não se trata de uma crise só para todo o mundo. Existem vencedores e vencidos, existem projectos em disputa».

Quando o Papa Francisco veio à Amazónia, a Porto Maldonado (no Peru), lançar o processo sinodal, ele disse aos indígenas com quem tinha escolhido reunir-se primeiro «A Amazónia é hoje uma terra disputada, disputada pelo interesse ilimitado da ganância dos madeireiros, dos sojeiros (quem explora

as plantações de soja), dos extractores de minérios». Vejam bem; é uma terra disputada, existe uma disputa. Nós estamos a viver na verdade um tempo apocalíptico. O Apocalipse não é só o tempo do fim do mundo, é também o tempo do começo de um novo mundo. Mas a disputa sobre qual o mundo que virá depois já está agora a decorrer. Se nós não tivermos consciência de que estamos numa disputa para a qual nos encontramos em condições desfavoráveis — e ao dizer “nós”, digo “a floresta”; nós, “os indígenas”; nós, “os pobres”; nós, “as mulheres”; nós, “os que queremos um mundo de justiça e paz” — então não vamos pensar bem como é que podemos atravessar esta grande turbulência e estar depois num mundo menos dramático.

O Papa Francisco termina a encíclica *Laudato Si'* assim, «depois desta longa reflexão jubilosa e ao mesmo tempo dramática proponho duas orações»: esta consciência da trama, esta consciência e seriedade da urgência é fundamental. Há um tempo em que precisamos de encontrar os caminhos para não nos deixarmos tomar pelo medo. O medo é o sentimento do momento. O sentimento do momento inspirado, desejado, construído pelos donos do mundo. Logo no período em que a *Laudato Si'* tinha acabado de ser lançada e em que a Conferência das Partes em Paris estava a acontecer, o Donald Trump depois de ter sido eleito foi entrevistado e perguntaram-lhe: «Como é que vê a política externa americana?» e ele disse «Para mim existe uma palavra que define a política externa e essa palavra é medo.». Há um livro grande de um historiador e jornalista construído com esse nome: *Fear*. Medo. Então, é importante identificar a intencionalidade de gerar o medo; ajuda-nos a saber que se queremos construir uma coisa alternativa precisamos de reconhecer o medo e nos libertarmos desse processo de medo.

O medo é um sentimento que nos toma, nunca sabemos exactamente o que é que vamos fazer quando temos medo. Vocês são muito jovens e moram na Europa por isso talvez não tenham passado por um momento em que tenham apanhado um susto, ou em que tiveram um percalço. São momentos em que não sabemos bem como vamos reagir: há quem vá para a frente, quem se esconda,... o medo leva-nos a lugares que não conhecemos. É um sentimento muito primitivo, um sentimento primeiro, que todos os seres vivos têm e que nos seres humanos está numa parte do nosso cerebelo - primeira parte do nosso cérebro, chamado reptiliano. É a primeira camada do cérebro humano: o nosso cérebro tem camadas e camadas, foi-se desenvolvendo a partir de outros seres que fomos antes de ser este ser que somos, e o reptiliano é o cérebro que tem estes instintos primitivos, que determina estas nossas reações. O medo é um desses instintos. E o medo operado a favor dos grandes interesses do mundo pode nos levar a uma atitude de covardia, de isolamento, e de alteza, de egoísmo.

O medo traz a sensação de que se criarmos uma barricada à nossa frente estaremos protegidos, traz a ideia de que existe alguém que nos ataca de fora... Quando na verdade já sabemos que hoje quem ataca o mundo é uma forma particular de ser e estar. É por isso que detesto a ideia de que na pandemia nós estamos numa guerra e de que o vírus é o nosso inimigo. Não, não é inimigo de ninguém. Se existe um ser que depreda o mundo e que faz com que o mundo esteja em guerra, esse ser é o humano. E por isso na encíclica *Laudato Si'* o Papa Francisco fala em raízes humanas da crise ambiental. O vírus torna-se uma pandemia na medida em que nós exterminámos os outros animais... Vocês sabem hoje que de todos os animais vivos os selvagens são só 4%? Antes somos os humanos e o gado que os humanos comem. Isto significa que nós, humanos, temos vindo a devastar todos os biomas, e os seus animais foram perdendo a possibilidade de ser e estar, e portanto os vírus que os habitavam de forma harmoniosa- como em nós tantas bactérias habitam o nosso estômago, fundamentais para que nos possamos alimentar e

fazer a digestão - tiveram que sair. As grandes questões, como o agronegócio vão transformando o mundo num mundo cada vez mais homogêneo, e num mundo cada mais cheio de veneno; os nossos corpos vão ficando também mais vulneráveis. Cada um de nós hoje no Brasil alimenta-se comendo veneno. Vocês na Europa comem menos veneno mas a lógica de produção alimentar, do sistema alimentar que temos, é um que vulnerabiliza os nossos corpos. Então os nossos corpos estão mais frágeis. Estão menos capazes de lidar com esta situação.

Mesmo que a situação esteja enloquecida, produzimos uma quantidade brutal de plástico nos últimos quase 40 anos, esse plástico vai para os oceanos, e de todo o plástico produzido só 9% foi depois reciclado, trabalhado. O que significa que 90% do plástico que produzimos torna-se lixo nos oceanos, torna-se pequenas espécies, vai se degradando até às fossas mais profundas do oceano que já têm plástico. Os peixes alimentam-se desse plástico, depois comemos peixe a pensar que estamos a comer um alimento saudável mas ele comeu o plástico que deitámos fora, de cada garrafa de água que privatizámos. Este é todo um sistema criado para funcionar de uma forma que depreda, de uma forma que devasta.

E então queria trabalhar convosco três conceitos básicos, três estruturas essenciais deste sistema que, de alguma forma, estão vinculados também às nossas concepções. Estou a falar disto para que depois possamos falar da Querida Amazônia, da «Querida Casa Comum...», como caminho de saída.

Há três elementos de que fala o Papa Francisco na encíclica *Laudato Si'* que são, na minha opinião, muitíssimo importantes e que precisamos de compreender bastante bem.

Quais são as bases que estruturam este mundo que vive em torno do capital? Nós vivemos no capitalismo. E reparem, o capitalismo é um sistema em que o capital é o centro, o sistema capitalista é uma engrenagem na máquina do capital, é um sistema afinado para transformar tudo em dinheiro. Para quê? Para ter mais dinheiro. Para quê? Para ter mais dinheiro. Para quê? Para ter mais dinheiro. E para ter mais dinheiro, ilimitadamente. O sentido do capital é a pura acumulação de capital. E a transformação de tudo em capital leva a essa acumulação absurda que vai transformando florestas em capital, casas em capital, ambientes pequenos em capital... E como é que isto se fez? Quais são os elementos constitutivos que temos que desfazer? Se quisermos viver a conversão de que o Papa fala. A que é que nos podemos agarrar, vincular, como cristãos? Acho que as bases que estruturam este modelo são uma base cultural, uma base económica e uma base espiritual.

A primeira base, cultural (ocidental) deste sistema em que vivemos é a ideia do indivíduo egoísta, que vai depois degenerar em todo o “gene” de todo o individualismo. Conhecem o Thomas Hobbes? Escreveu, em 1600 e pouco, um livro chamado o *Leviathan*. Hobbes é um grande pensador inglês E na sua obra *Leviathan*, Hobbes construiu uma ideia, um imaginário, que hoje é essencial para todos nós. Está nos nossos poros, mesmo que não compartilhemos dele. Hobbes criou, constituiu, o conceito de que o homem é o lobo do homem. Escreveu o seguinte no *Leviathan*: «E por isso em primeiro lugar coloco como a inclinação de toda a humanidade o desejo perpétuo e incansável de obter o poder para alcançar o maior poder que só termina com a morte. Devemos supor que esta corrida não tem outro fim, outro prémio, senão o de chegar à frente. Ou seja, toda a lógica é essa. E, nessa corrida, ser continuamente ultrapassado é a infelicidade, superar continuamente o próximo é a felicidade, abandonar a pista é a morte.»

A lógica, a concepção, de um indivíduo que não tem outro sentido a não ser superar os outros indivíduos é perenemente encaixável com a lógica de um sistema que acha que o homem tem de acumular pelo simples gosto de acumular. A lógica de que cada um de nós é inerentemente egoísta articula-se com um outro princípio, da economia, do nómos da óikos, da forma de administrar a Casa que é a concepção de que o mundo é um mundo perigoso e de que deve ser dominado por nós humanos porque vivemos num mundo de escassez. E então temos que acumular ilimitadamente de forma a nos precavermos num mundo em que tudo está em guerra, numa natureza que é inóspita e à qual o ser humano é chamado a tornar-se o grande mestre. E depois a isto junta-se toda a lógica científica, que não vamos poder fazer uma grande análise. Mas esta é uma ideia essencial, a ideia de que a Criação e de que a Natureza vivem em disputa e de que nós precisamos de acumular para nos mantermos seguros.

E há uma última ideia que eu acho que para nós, aqui, é importante. E é intrínseca [às ideias anteriores, o que lhe dá] a conformação complexa que tem — entendam, complexa é uma coisa em que uma apoia a outra, complexo é como um tecido, em que um fio se ata, se cruza com outro. É o elemento, fundamental desta lógica, da dimensão espiritual. A dimensão de um Deus transcendente que existe fora e que é e está acima de todos. E que se manifesta e que se dirige a cada um de nós intimamente, não na esfera comunitária mas a cada um de nós como indivíduo. Um Deus a Quem nós rezamos e nos atende. E está colocado acima, na transcendência; Ele não se expressa na natureza, Ele não se expressa nem sequer na humanidade porque nós somos seres de pecado, seres de Caim. Esta lógica alimenta um sentido de ser e estar no mundo de uma maneira cada vez mais acumulativa. E é por isso que nós chegamos ao século XX, século em que teríamos condições de garantir vida plena para todas as pessoas, com uma maioria de pessoas a viver na pobreza e uma minoria de pessoas que acumulou ilimitadamente quantidades absurdas de bens - situação que gera a possibilidade de se chegar ao fim das possibilidades de existência da vida humana.

E é nesse lugar e é a partir desse lugar que o Papa Francisco começa a fazer a construção da encíclica *Laudato Si'*. Eu acho a *Laudato Si'* o documento mais importante do século XXI da Igreja, disso não tenho dúvida, e acho até que é o mais importante desde o século XX. Porque a encíclica *Laudato Si'* dá início a um caminho muito, muito, importante. Logo no parágrafo dois da encíclica *Laudato Si'*, o Papa Francisco diz o seguinte: «Crescemos a pensar que éramos proprietários e dominadores da Terra, autorizados a saqueá-la. (...) Esquecemo-nos de que nós mesmos somos terra (cf. Gn 2, 7). O nosso corpo é constituído pelos elementos do planeta; o seu ar permite-nos respirar, e a sua água vivifica-nos e restaura-nos.» Nós esquecemo-nos de que somos terra...

De onde veio este esquecimento? Como é que nos conseguimos esquecer de que somos terra? Reparem, nós não somos parte da terra, nós somos terra. Os povos indígenas, os povos que não se deixaram dominar pela “loucura” que chamamos capitalista, esses povos que vivem num tempo conectado com a pulsação, com o ritmo, com a harmonia do planeta, esses povos que não esqueceram que eram terra, esses povos que sabem que sem a terra não podem ser, hoje ensinam-nos muito porque nós nos esquecemos de que éramos terra. Eu lembro-me de uma vez em que estávamos num diálogo na Amazônia e conversávamos sobre o sistema... e um indígena jovem que era estudante universitário disse: «Eu acho-vos muito estranhos, os seres... brancos, porque vocês dizem que vocês são parte da terra. Se vocês são parte da terra, podem destruir a outra parte. E ainda assim sobra uma parte. Nós não somos parte da terra,

nós somos terra. E quando destruimos a terra, destruimo-nos a nós mesmos.» Claro, é essa a compreensão. Nós somos água, não somos parte da água, somos água. E não há uns povos que precisam mais da natureza do que nós. Eu lembro-me do meu pai que é engenheiro químico uma vez há um tempo atrás dizer-me: «Ah Moema, tu és ambientalista, preocupas-te com essas coisas, mas para os povos indígenas é mais fácil saber porque eles estão mais ligados à natureza, eles precisam mais da natureza» e eu ri-me muito e disse «Eles precisam mais da natureza porquê? Eles respiram mais do que tu, pai? Eles comem mais do que vem e é fruto da terra? Tu comes plástico, não precisa da natureza? Ou o teu corpo não precisa de água? Ou de onde vem toda a água que é o teu corpo?» Pensem, este nosso planeta tem 4,3 biliões de água. De onde veio a água do nosso planeta? De onde vem a água que aqui pagamos, pomos numa garrafa, bebemos... de onde vem esta água? Vem da chuva, vem a água da chuva dos aquíferos, ... E de onde vem a água dos aquíferos? Toda a água que existe no planeta Terra tem 4 biliões de anos, veio da constituição do próprio planeta, veio dos choques interestelares que o constituíram. Este planeta está cheio de pó de estrela e a quantidade de água é finita e limitada. Toda a água que existe é uma água que é usada e reusada.

Nós, hoje, estamos a chegar ao limite, porque estamos a usar a água de uma maneira que não tem retorno. Nós estamos a colapsar, e esta é uma grande diferença entre crise e colapso. Crise é uma coisa que depois melhoramos. «Ai, eu tive uma crise de vocação» e depois reencontro o caminho. «Eu tive a crise da adolescência» e depois encontrei a oportunidade do crescimento, não é? É por isso que os capitalistas podem se rir do covid, porque eles estão a encontrar uma forma de acumular mais dinheiro durante o covid. Para o dono da Amazon e para o dono do Facebook, o covid é uma crise. Mas na verdade nós estamos a viver um colapso. O colapso é quando não temos mais retorno, quando não é possível voltar atrás. Quem sabe fazer suspiro, aquele doce? E quando separam a gema da clara e batem as claras...? Se cai uma gota de gema lá dentro, a clara já não poderá chegar ao ponto de suspiro. Quem já fez suspiros sabe disso, é um ponto de não retorno. Não há volta a dar. É um colapso. Nós estamos a caminhar para esse momento de colapso.

Então o papa Francisco diz: «Nós esquecemo-nos de que somos terra.» Na encíclica *Laudato Si'*, escreve: «Como é que podemos reencontrar o caminho da Casa? Da Casa que é o nosso corpo, da Casa que somos nós, da Casa que nos habita e que nós habitamos?». Na Amazónia cantamos uma música que diz: «A terra cuida de nós e nós cuidamos dela». Essa comunhão profunda; como é que podemos reencontrar esse caminho? O papa Francisco diz que precisamos de fazer uma conversão. O que é que é «conversão»? Usamos a palavra conversão de uma forma superficial, dizemos: «Ah, aquela pessoa estava perdida nas drogas, encontrou Jesus, converteu-se e está bem». Esse é um caminho ascendente mas eu acho que na encíclica o Papa usa o sentido de conversão do caminho descendente.

Para nós cristãos, o marco constitutivo do convertido é Paulo. Paulo era um homem poderoso, ungido pela Igreja e caminhando à luz dos sábios e Paulo andava, poderoso e prepotente, a cumprir o mandato de amor a Deus que lhe fora dado. E no meio desta travessia, quando quase chegava a Damasco, o Senhor interpela-o e diz-lhe: «Saulo, Saulo, o que estás a fazer?». E à luz da interpelação, o que é que acontece a Saulo? Cai. O primeiro passo da conversão é esta queda. Pois é, cair não é bom. Cair não sabe bem mas sem essa queda não fazemos a profunda conversão. No segundo momento, Paulo fica

cego pela luz, a luz é tanta que ele fica cego. A conversão implica então o desaprender daquilo que pensávamos que tínhamos aprendido, aquilo que pensávamos que sabíamos.

Paulo é chamado pelo nome, ninguém mais escuta. Cada um de nós é chamado pelo nome, cada um de nós é Rita, Gonçalo, Madalena, Domingos... cada um de nós é chamado. Pensem numa coisinha incrível, o homo sapiens existe há 12 mil anos e os humanos, a espécie homos, há 200 mil. Nunca existiu uma outra Margarida igual a esta Margarida e nunca mais existirá. Caramba, só esta. Só esta Vera, só este Domingos... Que resposta dá cada um de nós ao ser chamado pelo nome, como o único ser que pode ser? Há uma origem profunda de onde só nós neste momento somos chamados e cada um de nós é chamado pelo nome.

Eu acho que como Deus não faz nada contra a nossa vontade, não nos invade, também não obrigou nenhum de nós a estar vivo no momento do colapso. Cada um de nós escolheu nascer neste momento e aceitou a grande tarefa de nascer neste momento em que a nossa casa está a pegar fogo. Mas a terceira conversão de Paulo, quando ele está cego, é encontrar uma comunidade. Uma comunidade que tinha medo dele, uma comunidade que ele perseguia, e portanto da qual também ele tinha medo. Paulo teve que aprender a dominar o medo, e a comunidade que o acolheu também teve que aprender a dominar o medo. Mas estavam juntos por amor. E o amor é o sentimento mais forte do que o medo. O amor é o único sentimento mais forte que o medo. Mas o amor, diferente do atendimento ao chamado, só se manifesta em comunhão. Só se manifesta quando estamos juntos. Não amamos sozinhos, amamos sempre alguém. E somos sempre amados primeiro. Fomos sempre chamados primeiro. Alguém me chamou Moema para que eu soubesse que eu sou a Moema, alguém te chamou Margarida para que pudesses responder «Aqui estou» quando alguém te chamasse Margarida. Alguém amou primeiro, acolheu primeiro, num corpo de mulher, o teu pequeno corpo que se foi desenvolvendo e que veio à luz. A esse amor primeiro nós podemos agora responder: «Estou aqui.» Só podemos responder nesta comunidade de amor...

Então a conversão implica cair, implica desaprender e implica reaprender uma nova lógica do Amor. Mas vejam, o planeta está em chamas. E vocês, na Europa, estão na parte mais forte desse lugar. Nós hoje no Brasil estamos no epicentro da crise, que emana a partir daqui, mas na Europa vocês são herdeiros do “grande homem branco”, que achou que ia civilizar o mundo, que achou que o ia desenvolver e que o está a levar ao colapso. Considerem que ferida narcísica para o ego de Paulo ouvir: «Tu agora vais alí aprender com aqueles que perseguiste!» Imaginem como é que ele deve ter ficado. Imaginem como ficam hoje os homens quando o Papa Francisco chama pelos indígenas em Porto Maldonado e lhes diz: «Nós precisamos que vocês ensinem aos vossos bispos e que vocês ensinem aos missionários.» Imaginem, porque ninguém ensina quem não quer aprender. Se achamos que já sabemos tudo não vamos conseguir aprender nada. A grande maravilha da ignorância é que esta nos permite aprender mas é maravilhosa se vier com a humildade de dizer: «Sim, eu quero aprender. Sim, eu quero Senhor, ensina-me um caminho novo. Sim, eu quero Senhor, ensina-me de novo a ser um com a terra».

Então a encíclica *Laudato Si'*, é onde o papa Francisco encontrou as raízes humanas desta crise. Disse: «Eu agora quero ver como é que isto acontece, quero ver se pode acontecer num lugar do mundo e quero ver se pode acontecer na Amazónia». E, foi então que convocou o Sínodo: caminhar junto. Fez o movimento de Paulo: sentou-se e escutou. Não levou o que já sabia, como da primeira vez, como aqui as

caravelas com as cruzes e as espadas. Veio com humildade, sentou-se e escutou. E ao escutar tornou-se o grande construtor da ponte universal, o pontífice dos mundos que hoje estão fraturados. No Sínodo da Amazônia, e pela primeira vez no Vaticano, estavam os representantes indígenas em pessoa. Estávamos mulheres em quantidade expressiva e foi muito comovente quando o presidente da COICA (Coordinadora de las Organizaciones Indígenas de la Cuenca Amazónica, isto é, Coordenação das Organizações Indígenas da Amazônia) disse: «Francisco hermano. Nós estamos acá. Tu nos llamaste e aqui estamos». “Francisco irmão”! Não é sua Santidade o Papa, mas Francisco “irmão”. Esta compreensão de que o Papa é seu irmão foi uma compreensão que o Presidente teve: este Papa do fim do mundo que chegou do lugar geográfico que é a Europa, este Papa do fim do mundo, porque está a habitar estes tempos apocalípticos que são também o tempo do fim destes tempos, é o portador da possibilidade de futuro. E, por isso, o documento é todo baseado na ideia de que precisamos de descolonizar. Descolonizar os nossos desejos, refazer os nossos sonhos e é aí que, então, vamos regressar *àquele comecinho*.

Francisco diz na encíclica *Laudato Si'*: «Não é possível uma nova ecologia sem uma nova antropologia»: se continuamos a crer que fomos feitos egoístas ou, que decaímos pelo pecado, e somos seres de pecado, não vamos conseguir construir um mundo de amor e paz. Mas não é isso a única possibilidade que podemos ser! Somos seres cósmicos, amados por amor, cada um de nós é único e intransferível mas não é um indivíduo egoísta, cada um de nós só é porque é em comunhão e comunidade. Cada um de nós hoje é chamado a ser o melhor ser que pode ser. A Vera tem que ser a Vera melhor que pode ser, o Domingos tem que ser o melhor Domingos que pode ser, a Rita tem de ser a melhor Rita que pode ser, a mais generosa, a Rita que mais ama mas também a mais consciente dos seus limites. A que é capaz de pedir ajuda, a que é capaz de reconhecer que não sabe e a que é capaz de encontrar os mais vulneráveis e dizer: «Eu ajudo-te.» Nos momentos em que estamos muito feridos, que estamos muito rebentados, às vezes nem conseguimos pedir ajuda. Como é abençoado (cheio de bençãos), Jesus chega e diz «Eu ajudo-te a carregar o teu peso. Eu compartilho contigo a dor da tua dor. Eu tenho compaixão. Eu tenho compaixão, eu posso caminhar contigo.» Então, nós não somos seres egoístas, nós somos seres únicos e irrepetíveis que somos parte de um Ser maior. Esta compreensão é profundamente importante, uma outra antropologia é fundamental para este tempo.

Também precisamos de ver o erro da ideia de que o mundo está aí para ser habitado e que nós precisamos de acumular ilimitadamente. Eu amo aquela parte do Evangelho em que Jesus diz «Olhai os lírios, aprendei dos pássaros.». Diz isto logo depois de dizer «Não podeis servir a dois senhores.» Não podeis servir a Deus e ao dinheiro. Já estava lá: se o dinheiro se torna o nosso Deus, nós tornamo-nos uma imagem da máquina Manon de fazer dinheiro. Manon é a máquina divisora, é a máquina repartidora e fragmentadora. Não, não, não, o Papa Francisco diz na *Laudato Si'*: «Dizer “criação” é muito mais do que só dizer “natureza”. Dizer “criação” é dizer “este Todo abençoado por Deus, este Todo planificado por Deus, este Todo cheio de amor”». E na oração final, na oração pela nossa terra, o Papa começa assim: «Deus, que estás presente em todo o universo e na mais pequenina das vossas criaturas. Vós que envolveis com a vossa ternura tudo o que existe...». Ajuda-nos a superar o medo do panteísmo, aquele medo de: «Ah, não! Os povos indígenas vêem espírito em tudo quanto é lugar» ou «Os povos indígenas divinizam a água...» Não, os povos indígenas reconhecem que tudo é cheio de Deus. Que tudo é expressão do amor de Deus. E isto é a oração de São Francisco, a compreensão de que somos irmãos e de que tudo respira conosco e de que não vivemos num mundo de carência, de escassez, mas num mundo

abundante. E onde não precisamos de acumular. Não precisamos de ter medo, podemos partilhar. E a partilha é a única forma de habitar este mundo sem escassez. E, de novo, voltamos para as comunidades.

Precisamos de reconstruir a ideia de um Deus distante, de um Deus poderoso e transcendente. Durante o fascismo, alguns teólogos encontraram Deus naquele lugar mais profundo da cruz. Há uma história famosa que um rapaz conta de que estavam todos no campo de concentração e viram - vieram formados para ver - o enforcamento de alguns judeus. E alguém pergunta lá atrás: «Onde está Deus nesta hora?» ao que outro responde: «Está a ser enforcado.». É este Deus, frágil, Deus que não está fora, este Deus que está aqui, está connosco, esse Deus que foi crucificado com Jesus, este Deus que é Jesus e que foi crucificado. Não é o pantocrator, não é o todo-poderoso, o que não pode fazer por nós o que nós mesmos somos chamados a fazer por nós. É um Deus todo-misericordioso, é um Deus todo-amoroso... mas é um Deus frágil, porque ama. Quem ama não pode tudo o que quer, quem ama tem que considerar o desejo do outro, quem ama tem que considerar a necessidade do outro, a fragilidade do outro, portanto não é todo-poderoso. Quem ama é todo misericordioso e todo compassivo. E é essa descoberta de um novo Deus, de um Deus que habita em todas as criaturas, na mais pequenina porque todas elas têm valor, que o Papa Francisco vem desvelar.

A *Querida Amazônia* é então a consumação de todo este processo que começou na encíclica *Laudato Si'*, que passou pelo Sínodo para a Amazônia, que escutou o terreno em disputa. E então o Papa disse: «Eu desejo sonhar um sonho novo» profeticamente. Não é um sonho como um delírio, como os “donos do mundo” hoje têm, é um sonho como inspiração profética, sonho como utopia. Sonho como disputa de futuro. Sonho como quem leva aos prepotentes a captura de todo o nosso imaginário. É essa possibilidade de sonho em que nós hoje temos que nos envolver e é tão bonito ter uma «Querida Casa Velha...» que acolhe sonhadores e sonhadoras. A grande construção de um mundo novo não acontece sem imaginarmos esse mundo de amor e de bem querer. Nós, hoje, somos seres apocalípticos, nós hoje antevemos um novo Céu e a nova Terra, nós hoje estamos mais ou menos aqui no apocalipse no capítulo 12. Mais ou menos alí a chegar ao versículo 16...

Houve uma grande disputa no Céu, a mulher foi atirada para a terra, o dragão também foi, e quando viu que tinha sido expulso para a terra começou a perseguir a mulher que tinha dado à luz um menino. Mas a mulher recebeu duas asas da grande águia e voou para o deserto, para o lugar onde é alimentada por um tempo, dois tempos e meio tempo bem longe da serpente. A serpente então vomitou um rio de água atrás da mulher, a fim de a seduzir. E a terra veio em socorro da mulher, abriu a boca, engoliu o rio que o dragão tinha vomitado.

«A terra veio em socorro da mulher»... Vejam que coisa linda! A humanidade, aqui, não é representada por um homem. Às vezes dizemos “o Homem” no sentido integral, o homem e a mulher, quer dizer a humanidade. Mas que nestes tempos apocalípticos, meninos, vocês possam estar integrados na mulher. Que essa humanidade seja representada pelas mulheres, pela mulher e pelo princípio feminino que habita todos nós: homens e mulheres da mesma maneira.

Mas, mais: nós não estamos sós. Que a terra esteja viva em nosso socorro, que a terra nos esteja a ajudar, que a terra aí na Casa Velha tenha a contemplação e cuidado devidos, que ela cuide de vocês porque vocês cuidam dela e que ela estabeleça uma relação de amor convosco e vocês com ela.

Esta redescoberta, esta conversão, esta volta, este voltar é um caminho que nós, homens modernos, não aprendemos a fazer e que nós apocalípticos vamos ter de aprender. A juventude sabe mais do que eu, sabe muito mais do que eu... Que juntos possamos fazer esse caminho de voltar para casa. É esse caminho de voltar em comunhão, é esse caminho de voltar à humildade, é esse caminho de saber que o amor é maior do que o medo. E de que precisamos de ser mulheres, porque foram juntas vencendo o medo naquele primeiro dia em que levaram a grande notícia, a melhor notícia, a notícia pela qual estamos juntos aqui: a morte não tem a última palavra. E disse-lhes Jesus: «Voltem para a Galileia.» E vocês, meus irmãos, voltem para a Galileia, voltem para as pequenas comunidades e lá, «Eu vos amarei. E com vocês Eu estarei, todos os dias, até ao fim dos tempos.» E, por isso, nós estamos juntos.